

DO LIXO À NOBREZA DO PATRIMÔNIO: A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Christiane Heloisa Kalb¹

RESUMO: O objeto de pesquisa no decorrer do transcurso de um doutorado pode vir a se alterar, dependendo de algumas influências que venha a sofrer. O intento deste artigo é descrever como houve a construção do objeto de pesquisa de uma doutorada no curso interdisciplinar em Ciências Humanas, da UFSC. Por isso, pretendo analisar os percalços, erros e acertos, e as influências geradas pelos professores orientadores e pelos aportes teóricos e disciplinares no caminhar da escrita do projeto de tese e na tese, propriamente. A metodologia utilizada foi bibliográfica e prioritariamente empírica, no intuito de delinear como a pesquisadora iniciou sua pesquisa com o enfoque no lixo produzido nas ferramentarias de fabricação de plástico e partiu até a nobreza dos edifícios de cinemas de rua, recentemente tombados e declarados patrimônio cultural da cidade de Joinville. A conclusão que se obtém até o momento é que pesquisas interdisciplinares possuem um quê de dificuldade a mais que doutorados disciplinares e especializados. Num curso especializado já se sabe de antemão quais os “limites” que se pode transcórrer e quais são os teóricos que se pode beber.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade, projeto de pesquisa, Joinville, patrimônio cultural.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade; Advogada; e Conselheira da Comissão do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Natural do Município de Joinville (COMPHAAN).

Introdução

O objeto de tese no caminhar de um doutorado pode vir a se alterar, dependendo de algumas influências que venha a sofrer. Portanto, o objetivo deste artigo é descrever como houve a construção do objeto de pesquisa de uma doutorada no curso interdisciplinar em Ciências Humanas, da UFSC. Utilizarei a escrita em primeira pessoa, uma vez que a doutoranda aqui mencionada é quem vos fala. Mais que somente descrever, pretendo como objetivo específico, analisar os percalços, erros e acertos, e as influências geradas pelos professores orientadores e pelos aportes teóricos e disciplinares no caminhar da escrita do projeto de tese e na tese, propriamente.

Este estudo empírico está dividido em duas grandes partes, a primeira parte que se refere à indeterminação temática que se pode sofrer quando da escolha do tema de tese e o sentimento de insatisfação teórico-epistemológico que gera a perda de foco nas pesquisas. E num segundo momento, discuto o encontro com a nobreza, no sentido de ter me encontrado metodologicamente dentro de certa temática, que sempre esteve enraizada em mim, ou seja, minha formação acadêmica, no Direito e minhas pesquisas no Mestrado em patrimônio cultural.

Da indeterminação temática ao incômodo epistemológico

A busca do ideal projeto de pesquisa de tese de Doutorado interdisciplinar em Ciências Humanas – DICH ou PPGICH não é uma das tarefas mais fáceis. A possibilidade, ou melhor, a obrigatoriedade da interdisciplinaridade é um dos pontos que mais fazem os pesquisadores terem dificuldades em escolher o seu tema de estudo. As opções são muitas, uma vez que, podemos optar pelas áreas de pesquisa que são três: A linha de Estudos de gênero trabalha com os

Estudos interdisciplinares dos discursos, histórica, social e culturalmente constituídos, sobre as diferenças sexuais – estudos de gênero. Desenvolve temáticas como política, sexualidade, saúde, direitos reprodutivos, trabalho, família, gerações, violência doméstica, comunicação, homossexualidade, identidade, subjetividade. Integra os núcleos de estudos de gênero dos diferentes departamentos e cursos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, no exercício da

interdisciplinaridade, com objetivo de incentivar pesquisas e constituir-se em canal de difusão dos trabalhos desenvolvidos na área (PPGICH, 2015).

A área de concentração de gênero é uma das mais procuradas nesse programa de Doutorado, tanto em razão dos/as professores/as da área, em sua maioria antropólogos/as, como também pelos prêmios de teses e bolsas disponibilizadas. E também por outros motivos que se relacionam diretamente à pesquisa na área.

A segunda área de concentração do curso trata-se da área de Condição Humana na Modernidade, que se subdivide em duas linhas de pesquisa: Modernidade e Globalização e; Evolução das Ciências da Vida e da Saúde. Esta linha é “dedicada ao estudo dos diversos aspectos da condição humana contemporânea, dando relevo tanto a questões teóricas como a questões específicas sobre a ação e organização social, grupal e individual no mundo hodierno” (PPGICH, 2015).

A última área de concentração, onde me incluo, é a Sociedade e Meio Ambiente. Tendo como problemática central de suas pesquisas a questão “socioambiental em sentido amplo dentro do debate sobre a globalização dos riscos e dos desafios sobre a sua governabilidade” (PPGICH, 2015), tendo um enfoque na qualidade de vida e o “papel das ciências na análise dos problemas ambientais e tecnológicos e aspectos éticos destas questões” (Ibidem).

Em 2013, quando ingressei no programa de pós-graduação do Doutorado, meu projeto de pesquisa tinha como objetivo central analisar como as ferramentarias de fabricação de plástico de Joinville lidavam com a produção de lixo. Os resíduos plásticos que se produziam durante a fabricação dos moldes e matrizes de plástico eram o meu enfoque. Minha abordagem seria a partir da Sociologia Ambiental, tendo por base a orientação da Prof^a Dra Julia Guivant². Confesso em dizer que nunca tinha estudado os teóricos da Sociologia Ambiental, afinal sou graduada em Direito e minha formação sempre foi nessa área.

Quando ingressei no mestrado, em 2010, com o intento de lecionar em universidades, busquei um curso que fosse interdisciplinar, já que em Joinville, minha cidade natal, não havia nenhuma pós-graduação em nível de mestrado na área do Direito. Assim, o curso de Mestrado Interdisciplinar em Patrimônio Cultural e Sociedade me pareceu bastante promissor. E realmente o foi. Minha pesquisa *lato sensu* no mestrado foi de análise das memórias dos ferramenteiros da

² Ver mais em KALB, C. H., CARELLI, M. N. Soluções ambientais sustentáveis para o lixo industrial das ferramentarias de produção de plástica. Anais da I Jornada Latino-americana de Direito e Meio Ambiente, Desafios para a conservação e uso sustentável da biodiversidade Brasil – Costa Rica. Disponível em: <http://www.planetaverde.org/biblioteca-virtual/anais/anais-da-i-jornada-latino-americana-de-direito-e-meio-ambiente> Acesso: nov, 2012, 2012.

cidade. Este estudo que se limitou aos profissionais que fundaram suas empresas ferramenteiras entre as décadas de 1980 e 1990³. Sim, os mesmos ferramenteiros de plástico que em 2013 me inspiraram a ingressar no processo seletivo para o Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas.

No projeto de pesquisa que foi selecionado para ingressar no Doutorado, intitulado “Soluções ambientais sustentáveis para o lixo industrial das ferramentarias de produção de plástico de Joinville”, a minha intenção era afunilar mais a minha pesquisa que eu havia desenvolvido no Mestrado, com o aporte teórico da Sociologia Ambiental. Aí começaram os meus problemas. Todos os meus colegas do Grupo de Pesquisa IRIS - Instituto de Pesquisa em Riscos e Sustentabilidade eram, de alguma forma, da área de suas pesquisas. Sociólogos, historiadores, agrônomos e geógrafos. E eu, vinda do Direito. Além de não conseguir acompanhar as discussões no Grupo de Pesquisa, eu sentia a necessidade de estudar e me inteirar dos temas muito mais que meus colegas, que já possuíam uma base teórica e epistemológica mais sedimentada que a minha. Eu era o “peixinho fora d’água”.

Após seis meses me dedicando exclusivamente ao meu aprimoramento da área da Sociologia Ambiental, lendo autores contemporâneos como Ulrich Beck, Anthony Giddens, Bruno Latour, Pierre Bourdieu e os clássicos, Karl Marx, Max Weber, Augusto Comte e Durkheim, percebi que eu não poderia continuar com a pesquisa que eu havia me proposto no início daquele ano. Neste ínterim, participei de uma disciplina do PPGICH que se chamava “Pesquisa Anárquica”, com a presença de uma professora italiana, e que nos colocou frente às nossas pesquisas, nos questionando sobre nossa satisfação em estudar o proposto para a tese, até então. Cheguei à conclusão que eu estava errada, pois estava me desviando completamente da minha área disciplinar e perdendo o real sentido da interdisciplinaridade.

Fazendo um levantamento sobre a problemática da pesquisa, na época, eu trouxe primeiramente algumas questões à baila: “Como foi o início da constituição dessas fábricas / empresas de ferramentaria de plástico? Por que essas empresas se instalaram em Joinville? Como ocorre o processo de disposição final do lixo (ou resíduo) industrial produzido por essas empresas? Que tipo de lixo industrial elas produzem? Quais são os compromissos na área de marketing e quais ações práticas são aplicadas em relação à sustentabilidade por parte dessas empresas? Esses resíduos podem ser reduzidos de alguma forma?”. Estas perguntas poderiam

³ Ver mais em KALB, C. H. **Patrimônio industrial**: as memórias de ferramenteiros em Joinville, Joinville, n. Dissertação de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, 2013. 185p.

ser inicialmente respondidas a partir da delimitação do tema na cidade de Joinville e especificamente, que se referisse às indústrias de ferramentarias de produção de plástico. A justificativa desse tema atrela-se à problemática do amplo patrimônio industrial joinvillense aliado às tecnologias de certos processos de produção que influenciariam na criação de mais ou menos lixo (ou melhor, resíduos). Este tema era de meu interesse e uma vez que uma das áreas de concentração do Doutorado chama-se Sociedade e Meio Ambiente e tem seu enfoque voltado para questões ambientais em contraponto à tecnologia, o Colegiado do curso aprovou meu projeto de tese.

Encontrar pessoas e ouvir os seus diálogos faz parte da interdisciplinaridade que não estava constando em meu trabalho de pesquisa. Nesse sentido, em meu texto não havia a polifonia ou o dialogismo trazido por Bakhtin, as partes (e que partes?) não possuíam diálogos afins. Discutir o que as máquinas e seus consequentes resíduos trariam para a sociedade e para o meio ambiente me pareceu bastante vago e disciplinar, sem um olhar de fato sobre “a relevância da interpretação dos acontecimentos, não tanto por parte de teóric@s [sic], mas, sim d@s [sic] participantes nesse espetáculo” (Krischke & Cisneros, 2012, p. 13). E ainda, conforme Krischke & Fernandes (2010, p. 352) “o aniquilamento da vida comunitária em nome da construção de uma sociedade de indivíduos livres e racionais negou a muitos a possibilidade de fazerem parte deste projeto, ou deste processo ‘civilizador’”. O que os funcionários dessas fábricas pensam, sentem, vivenciam? Ou ainda, como os cidadãos de certa cidade poderiam participar e se envolver para solucionar problemas relacionados com o lixo industrial? São questões que naquele momento me vieram à mente e borbulhavam os meus pensamentos sobre a real indeterminação de meu projeto antigo.

Após as orientações informais e as aulas voltadas a esse fim com o Prof. Dr Paulo Krischke, desamarrei os grilhões da insegurança, tanto que alterei o enfoque do estudo, voltando então minha atenção, ainda para os resíduos, porém resíduos esses de serviços de saúde (RSS) e melhor, não só focado em questões joinvillenses, mas incluindo um estudo de caso do Hospital Universitário da UFSC. O que me fez alterar o escopo principal do projeto de tese para o seguinte título: “Legislação x Prática: a realidade dos resíduos de serviços de saúde como extensões plásticas do corpo humano”⁴.

⁴ Ver mais em KALB, C.H.; KRISCHKE, Paulo José Duval da Silva. Os Debates Técnico-Científicos Sobre os Riscos do Lixo Hospitalar: uma perspectiva interdisciplinar. In: **Interdisciplinaridade: teoria e prática** / Fernando Alvaro Ostuni Gauthier ...[et al.], organizadores. - 1. ed. - Florianópolis: UFSC/EGC, 2014. v. 1 pp.101-118.

Os RSSs também podem ser considerados partes das “intervenções antrópicas que tem degradado os recursos naturais e as condições de vida” que tem sido realizadas em nome de um suposto progresso e desenvolvimento, de acordo com Brügger (2004, p. 68). E a discussão sobre a sua disposição final, quando não mais é possível reutilizá-los, reciclá-lo ou reaproveitá-lo de alguma forma, era o cerne de minhas discussões. Não perdendo o enfoque principal sobre os RSSs de origem plástica. Praticamente única correlação com o antigo projeto. Sendo assim, precisei requerer ao Colegiado do curso que autorizassem a mudança de professor orientador, para que eu pudesse ser orientada pelo Prof. Paulo Krischke, após o aceite da Prof^a Julia Guivant. O que foi deferido prontamente pelo Colegiado.

Após alguns meses atualizando minha pesquisa com nossos aportes teóricos e epistemológicos, novamente me pus a analisar criticamente meu projeto que dizia respeito ao lixo hospitalar em hospitais norte-catarinenses e percebi que apesar de ter um viés interdisciplinar, tal temática não se ligava em nada a mim. Ainda que não haja a necessidade de haver precipuamente uma relação íntima nas pesquisas, porém o mínimo de interação e ativismo faz-se necessário. Brugger (2006, p. 77) trata sobre esse distanciamento/aproximação quando introduz a percepção da

[...] totalidade através de um sistema cognitivo adestrado segundo o paradigma mecanicista seja impossível. Mas alçar um voo mais alto do que o que temos, é viável. Sem cair na tentação de crer que seja possível sair totalmente de nossas “cavernas” disciplinares – no sentido platônico -, é possível abandonar a visão em túnel e incorporar um olhar que leve em conta a percepção do “objeto” em sua espessura no tempo e no espaço. O voo da águia é, pois, a metáfora que escolhi para traduzir a necessidade que temos hoje de transcender as formas disciplinares de construção do conhecimento.

Não somente o distanciamento versus a aproximação de nós, pesquisadores, ao nosso objeto de pesquisa, mas, especialmente, percebermos que se utilizar de paradigmas mecanicistas, eurocêntricos em nossas pesquisas trata-se de uma visão míope e até mesmo desfocada, no sentido imagético da palavra. Pois, conforme continua Brugger (Ibidem, pp. 78-9) “a filosofia iluminista e a Revolução Industrial, enfim, todos esses acontecimentos histórico-culturais interagiram dinamicamente para forjar uma marca indelével na cultura da sociedade industrial: sua racionalidade essencialmente instrumental”. Como possível alternativa a essa racionalidade a autora propõe que

É preciso que a educação mova seus pressupostos filosóficos em direção a uma cultura sustentável, e isso pressupõe questionar os conceitos que se encontram mais solidamente sedimentados em nossas mentes, incluindo a forma como construímos o conhecimento. Nesse processo é fundamental, também, que percebamos o mundo de forma mais sistêmica ou ecológica (Ibidem).

Tal pensamento coaduna com meus pensamentos sobre a preservação do patrimônio edificado de Joinville. Muito se luta por melhores condições de vida, emprego, moradia, saúde, etc., porém não se pode esquecer-se da *luta* pela identidade e pela memória da cidade. Parte dessa luta pode ser filtrada das atitudes conservacionistas e essencialistas em prol das edificações histórica-culturais da cidade, de tal modo, que o entorno não se perca no emaranhado de arranha-céus e mídias mercantilistas. Descobrir e se redescobrir (n)esse mundo sistêmico, ecológico, holístico e até interdisciplinar era parte integrante dos meus ideais para essa pesquisa. Mas não se pode esquecer, conforme relembra Brugger (Ibidem, p.82) do fato de que não há consenso quanto ao conceito de interdisciplinaridade, afinal ainda não é uma prática articulada por um discurso hegemônico, uma vez que não trata de sistemas lineares e, sim, de redes. Nem por isso, deixa de ter sua importância na seara científica, o que vem conquistando com o decorrer dos anos, por meio das pesquisas, seu espaço de respeito, admiração e curiosidade.

Esta nova ideia de pesquisa engajada junto à preservação do patrimônio de Joinville surgiu a partir de minha participação na Comissão de patrimônio da cidade, nomeado de COMPHAAN. Percebi nas reuniões desta Comissão que eu poderia integrar essas discussões à minha pesquisa de Doutorado.

Estudar, então, a área central de Joinville envolvida por seu patrimônio cultural de casas e edifícios tombados sob o olhar da modernidade reflexiva, era minha nova proposta, ao final do ano de 2013. O título desse novo projeto era “O patrimônio cultural edificado na área central de Joinville sob o olhar da sociedade de risco”. Meus problemas de pesquisa se limitavam a avaliar: “Como o desenvolvimento urbano vem afetando o patrimônio cultural edificado na área central de Joinville? Quais os riscos percebidos pela população do entorno?” E apesar do tema da tese ter se alterado por duas vezes, o que iniciou com os resíduos das ferramentarias, sobrevoou os resíduos dos serviços de saúde e havia pousado sobre o patrimônio cultural edificado da área central de Joinville, todos esses enfoques ainda partiam das teorias da Sociologia Ambiental e isso me incomodava.

O encontro com a nobreza

O patrimônio cultural de Joinville por si só é um tema de pesquisa interdisciplinar. O olhar que se dá sobre o estudo irá mostrar o direcionamento teórico e metodológico. E no momento que decidi pesquisar o patrimônio edificado de Joinville, comecei a delinear os aportes teóricos que iria utilizar com a ajuda do novo orientador, Prof. Paulo Krischke e da Co-orientadora, Prof^a Dra. Maria Bernadete Ramos Flores. Optei, em julho de 2014, por olhar o campo do patrimônio a partir da Antropologia, da História e do Direito, tendo o intuito de analisar como o Conselho Municipal do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Natural do Município de Joinville - COMPHAAN vinha atuando perante o patrimônio histórico-cultural da área central de Joinville, no Estado de Santa Catarina. Analisar um conselho era meu encontro com a nobreza⁵, pois alguns meses antes eu havia sido convidada a representar a OAB – Ordem dos Advogados do Brasil, da subseção de Joinville dentro do Conselho. O Direito começou a se mostrar interessante para a minha pesquisa. O sentimento era de “volta a casa”.

No estudo agora proposto foram escolhidos três bens imóveis objetos de tombamento pela Fundação Cultural da cidade (Tombamento Municipal) e pela Fundação Catarinense de Cultura (Tombamento Estadual): o Cine Palácio, a Escola Germano Timm e a Casa Boehm⁶. A área central de Joinville possui mais de 500 bens protegidos, o que inviabilizaria uma pesquisa de totalidade dos bens culturais. O título do projeto de pesquisa era “O Comphaan e seu olhar sob o patrimônio histórico-cultural de Joinville”.

Estes três bens são paradigmáticos, ícones que representam certas discussões por estarem sendo impactados pelas questões do mundo contemporâneo. Todos os três bens vêm sendo influenciados pela urbanização contemporânea. O Cine Palácio teve seu fim totalmente desvirtuado do original. Afinal era inicialmente um teatro, logo se transforma num cinema e em razão da modernidade perde espaço para os *shopping centers*, sendo alugado na década de 1990 por uma igreja. A Escola Germano Timm é um caso de abandono para a cidade de Joinville, por parte das autoridades públicas e de certa forma, pela população. A escola vem se

⁵ O termo que utilizo aqui, Nobreza é no sentido de demonstrar a mudança de esfera de pesquisa. Antes, quando da candidatura pretendia pesquisar o lixo, o que nos remete ao substrato da sociedade. E agora, com um novo olhar, a pesquisa iria para questões culturais específicas da cidade, ou seja, o seu patrimônio, o que de maior valor possui cada município.

⁶ Ver mais em: KALB, C.H. **O patrimônio histórico-cultural na área central de Joinville sob influência da urbanização contemporânea**. Anais do II Seminário Internacional História do Tempo Presente. UDESC, Florianópolis. 13 a 15 out, 2014.

deteriorando com o tempo, sem data certa para reforma estrutural. Desde 2006, está completamente fechada, porém vândalos e curiosos continuam a acelerar sua destruição. A UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina - vem prometendo desde 2012 abraçar a causa e reformar com dinheiro público estadual a escola, contudo até o momento nada se viu de efetivo. E por fim, a Casa Boehm, como é conhecida entre os profissionais do patrimônio, ou Loja Apollo, para a população em geral joinvilense, é um caso diferenciado. A casa está em boa conservação, sendo utilizada pelo comércio de calçados, ou seja, não se desvirtuou de seu fim, já que inicialmente quando construída em 1927 já era para uso comercial, porém a estética da pintura da casa é motivo de piada na cidade. As cores roxa e branca destoam completamente do original, causando alvoroço entre os defensores do patrimônio.

A pesquisa com estes três bens tombados localizados na área central de Joinville representava problemáticas contemporâneas que o campo do patrimônio vinha discutindo de forma ampla. As apropriações e (re)usos de bens tombados, o abandono pelas autoridades responsáveis e a questão estética desses bens são temas que se refletem em outros casos emblemáticos pelo país. No entanto, apesar de acreditar ter encontrado finalmente o meu objeto de pesquisa após tantos erros e acertos fui surpreendida com o pedido do meu orientador Prof. Paulo para que eu procurasse outro/a orientador/a o substituindo, em razão de problemas de saúde. Naquele momento, então, minha co-orientadora Prof. Maria Bernadete passou a ser minha orientadora e logo após, convidamos a Prof^a Dra. Alicia N. Castells, do Programa de Antropologia Social, para continuar o trabalho de co-orientadora que antes era desenvolvido pela historiadora Maria Bernadete.

No início de 2015 nos reunimos as três, advogada, historiadora e arquiteta com olhar antropológico para remodelar, reestruturar a tese. Foi árduo pela quinta vez ver a desconstrução de minha pesquisa, no entanto, a pesquisa nunca é perfeita desde o início e nunca se fechará, espero.

Hoje, o tema de pesquisa enfocou num dos ícones paradigmáticos que eu vinha estudando, e o título de minha tese é “Afetividades e vivências nos cinemas de rua da cidade: O Cine Palácio de Joinville”. O objetivo da tese é analisar as afetividades e as vivências que esse lugar provocou e ainda provoca na vida social e cultural de Joinville. A decadência dos cinemas de rua em face do surgimento dos *shoppings centers* é um fato que se repete nas cidades contemporâneas, principalmente a partir da década de 1980. Estes edifícios foram sendo (re)significados e (re)apropriados por novos usos sociais e econômicos. O mais comum tem

sido a sua transformação em espaços religiosos. O espaço religioso tem se apropriado destes amplos lugares para seus cultos. Ocorre que muitos destes lugares, por questões arquitetônicas e históricas, foram tombados, se tornando, então, patrimônio cultural das cidades. O Cine Palácio de Joinville é um destes casos. Perdeu o uso cultural de cinema, para o qual foi originalmente construído, e ganhou outro, quando foi alugado pela Igreja Universal.

Em 2003, este antigo cinema de rua foi tombado pelo poder público municipal, no entanto, a patrimonialização deste lugar, não o livrou, como esperavam os gestores públicos municipais e a população engajada, de suportar as transformações urbanas da cidade, a verticalização e os novos usos. Portanto, a partir de entrevistas realizadas em 2001, antes do decreto de tombamento e de outras que serão colhidas em 2016, junto ao Ancionato da cidade, e da pesquisa em jornais locais, arquivados no Arquivo Histórico de Joinville.

No início dos anos de 1980, portanto, algumas cidades brasileiras foram estimuladas a listar bens imóveis que fossem considerados importantes para a municipalidade. Ou seja, usando das palavras de Hartog (2013), com o desejo de dar continuidade às marcas da identidade cultural, a obsessão e a decepção pelo passado que seriam próprias desta cultura contemporânea ocidental, se vê assustada, num presente a desaparecer na compressão das coordenadas tradicionais de tempo e de espaço. Hartog vê essa obsessão pelo passado, através do regime de historicidade (HARTOG, 2013). É uma forma de entender o “vai-e-vem” entre o passado e o presente, uma tensão que vai se alargando cada vez mais. Hartog demarca algumas datas de tensão, a primeira delas é 1789 na Revolução Francesa, onde o passado romano declara como marco zero, um começo absoluto. Uma segunda tensão seria a queda do muro de Berlin, em 1989, e uma terceira, não muito comentada, é a queda das torres gêmeas, nos Estados Unidos, em 2001. Essas duas últimas tensões são imagens de comemoração. O passado e o futuro não tinham sentido ali, pois o presente que fazia sentido nos fatos, já se tornava memorável por si só, afinal, a demanda pela memória estava ainda no presente.

E em Joinville não foi diferente. Os bens que foram elencados nesta lista foram chamados de Unidades de Interesse de Preservação – UIP, tendo sido elaborado pelo arquiteto e urbanista curitibano Dalmo Vieira Filho, que era presidente do IPHAN, na época. Estes bens listados deveriam representar a identidade cultural de suas cidades e que, de alguma forma, tivessem ligação com a história e a memória de seus fundadores, já que a memória é que se

impregna e restitui a “alma nas coisas”⁷ (SILVEIRA e LIMA FILHO, 2005). Esta lista foi a forma encontrada pelos gestores públicos para “criar” o discurso oficial de patrimônio cultural na cidade. Onde se iniciam os acordos, os conflitos e as negociações entre os *agentes do campo*⁸ de patrimônio de Joinville. Coexistente à criação da lista de UIPs, houve a criação da COMPHAAN - Comissão do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Natural do Município de Joinville, por meio da Lei n. 1.772/1980, com o objetivo de formular políticas públicas de preservação do patrimônio cultural em nível municipal. Logo após, foi criada a lei de tombamento municipal, de n. 1.773/1980. E dois anos depois, foi criada a Fundação Cultural de Joinville – FCJ, que hoje é a responsável pela aplicação da lei de tombamento e responde em nome do Município de Joinville, quando o assunto é patrimônio cultural. Estas são as primeiras ações de políticas públicas da municipalidade em prol do patrimônio cultural da cidade. Cidade esta que detém um importante acervo preservado em museus, arquivos e bibliotecas e bens imóveis distribuídos por todo o seu território, o que justifica as ações políticas com intenção de preservação.

Ao lado dos bens constantes da listagem de UIP estão os bens tombados e inventariados. Atualmente a lei que institui o inventário é a lei complementar n. 363, de 19 de dezembro de 2011, que foi regulamentada pelo Decreto n. 21.529/2013. Joinville tem atualmente (maio/2015) 111 bens tombados e ainda 36 em processo de inventariação pela municipalidade. A COMPHAAN, por meio das decisões tomadas por seus *agentes de campo*, seleciona certos objetos para manter *congelados* no tempo e *intactos* no espaço, enquanto outros, muitas vezes, acabam por ser demolidos pelos proprietários ou ressignificados com um novo uso, nem sempre condizente com o uso original, podendo perder a sua autenticidade para o qual foi construído, o que pode ou não ser um problema, dependendo do que se espera com a preservação de determinado bem ou conjunto. Podem também ser *engolidos* em seus pequenos espaços, com a verticalização do espaço urbano, suportando as consequências das transformações contemporâneas. Para este trabalho de tese escolhi para desenvolver o caso do edifício do Cine Palácio de Joinville, que também é um bem tombado, e em 2017 completará 100 anos de “vida”. O Cine Palácio foi um destes bens que se esperava deixar intacto, porém não foi o que ocorreu.

⁷ Para Silveira e Lima Filho (2005, p. 39) a alma das coisas se refere à uma paisagem intersubjetiva onde o objeto resitua o sujeito no mundo vivido mediante o trabalho da memória, ou ainda, é da força e dinâmica da memória coletiva que o objeto, enquanto expressão da materialidade da cultura de um grupo social, remete à elasticidade da memória como forma de fortalecer os vínculos com o lugar, o considerando as tensões próprias do esquecimento.

⁸ A ideia de campo, de Bourdieu (1992) (2011) nos auxilia a identificar quem são os agentes na cidade, e como seus atos devem ser problematizados e questionados.

Além de ter sofrido alterações em sua estrutura, antes da homologação de tombamento, os proprietários construíram salas comerciais que descaracterizaram o entorno do prédio e a sua ambiência⁹.

Portanto, ao pensar a cidade, que se cria e recria sob uma tradição germânica construída, de um povo ordeiro, trabalhador, limpo e educado, muitos lugares que possuem práticas diferentes das aqui mencionadas são excluídos das escolhas dessa Comissão. Outros problemas enfrentados, não somente em Joinville como também em outras cidades detentoras de edificações com interesse de preservação, é a falta de informação sobre as formas de se preservar e a falta de conhecimento e divulgação de incentivos fiscais para tais reformas. Esses problemas, frequentemente, resultam em atitudes extremas como incêndios criminosos, abandono do imóvel ou até mesmo demolições e reformas não autorizadas, podendo gerar multas e outras penalidades previstas nas leis de tombamento e de inventário, em que é possível o proprietário, no “pior” das hipóteses, a partir da desapropriação indireta, perder a propriedade sobre o imóvel.

A partir de 1980, complementa Moraes (2014, p. 95), observa-se que um movimento seguindo as tendências internacionais, dirigido à recuperação dos centros históricos, começa a acontecer de uma maneira generalizada nos grandes centros urbanos, com políticas de intervenção voltadas a recuperar a “escala humana”¹⁰ da cidade, a qualidade de vida e a paisagem histórica dos centros urbanos. O primeiro momento dessas intervenções dirigia-se à retomada dos espaços públicos centrais pelos pedestres. Esse movimento está ligado às transformações urbanas contemporâneas, que vieram a ocorrer, especialmente, a partir da década de 1980, e que continuam a acontecer, no entanto, somado a outras preocupações, as quais venho experienciando a partir de minha participação na COMPHAAN, como representante dos advogados de Joinville, desde junho de 2014.

O Cine Palácio, assim como outros exemplares de cinema de rua, conforme levantamento bibliográfico de teses e dissertações (VIEIRA, 2009) (ARAUJO, 1985) (CLARK, 1990) (SILVA, 2011) (PINHEIRO, 2010) (VIEIRA, 2010) deixaram sua atividade social e

⁹ Termo cunhado por Fátima Althoff (2008) em sua dissertação de mestrado e também trazido por Arantes (1995), quando pensa o patrimônio como ambiência, ou seja, permite que os interessados em trabalhar com o patrimônio o façam em conjunto com o planejamento urbano, superando a dicotomia de ver o patrimônio como recurso ou como artefato.

¹⁰ Que seriam edifícios e casas não afetados pela verticalização indiscriminada.

econômica para trás, caindo num lugar de decadência¹¹, a partir da instalação de salas de cinema dentro dos *shopping centers*. Perdeu seu uso para o qual foi originalmente construído, um cinema de rua e se transformou num espaço religioso e privado, na Igreja Universal, acontecimento que levanta a temática da originalidade e da autenticidade. Em 2003, o Cine Palácio ganhou o *status* de bem cultural e é patrimonializado pela municipalidade, mas esse título, “ser patrimônio”, para Joinville, somente foi conquistado, especialmente a partir da iniciativa de estudantes que levantou a opinião de parcela da população, quanto à sua importância para a cidade ou não. Pessoas que também consideravam o edifício importante para a identidade cidadã votaram favoravelmente ao seu tombamento. Assim, o Cine Palácio pode ser considerado como fato heurístico, pois poderá responder às seguintes perguntas de pesquisa, que poderiam ser feitas a outros bens de valor cultural na cidade. O Cine Palácio é um caso emblemático por trazer questões contemporâneas à problemática da patrimonialização.

Nesse contexto, os problemas de pesquisa que se mostram são: “Como as afetividades e as vivências em torno *do* e *no* Cine Palácio participaram/participam dos seus significados os quais justificaram/justificam a sua preservação? Como as políticas públicas e institucionais se juntam às pendências judiciais e aos processos de tombamento? Quais são os embates quando há mobilização da população em prol do direito à memória? Quais são os jogos de poder, ou os sujeitos de poder, entre o público e o privado, no caso do Cine Palácio? Que valores simbólicos permeiam a questão da autenticidade e dos usos do edifício do Cine Palácio?”.

Isso tudo poderei averiguar a partir da pesquisa de campo, junto ao Arquivo da Fundação Cultural de Joinville, onde está arquivado o Processo de tombamento do Cine Palácio (FCJ, 2002). Este processo de tombamento teve início a partir da iniciativa de alunos do curso de Graduação em História da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE em 2001, quando realizaram uma pesquisa entrevistando mais de 500 pessoas e obtiveram mais de 1400 assinaturas em prol do tombamento do Cine Palácio. Seis destas entrevistas estão transcritas e arquivadas no Laboratório de História Oral - LHO da Univille, as quais serão resgatadas, analisadas e problematizadas por mim, afinal são entrevistas de “segunda mão”, no sentido de que não foram feitas exclusivamente para esta pesquisa, podendo haver a necessidade de

¹¹ A ideia de decadência que aqui se trabalha é a que entende que os cinemas até os anos de 1970 era visto como uma coisa, uma ocasião especial. Você via um filme sem saber se teria chance de revê-lo em outra oportunidade. O cinema causava um deslumbramento, o que se verá nos depoimentos colhidos até então e um senso de descoberta e de curiosidade, que foi se perdendo ao longo dos anos, com a padronização do cinema, a partir de uma hollywoodização dos filmes e a crescente banalização do acesso aos filmes, por meio dos cinemas em shoppings, aluguel de vídeo cassetes, depois com DVD's e recentemente com os downloads pela internet.

realização de novas entrevistas com pessoas idosas¹², com mais de 60 (sessenta) anos, que tenham vivido experiências nos cinemas de rua de Joinville.

Espero encontrar as respostas para os problemas de pesquisa a partir dessas entrevistas já transcritas, onde os agentes são os alunos da graduação em História e os entrevistados, em sua maioria moradores há anos de Joinville; dos autos do processo de tombamento, que constituem oito volumes, com mais de 800 páginas de documentos, que aqui os agentes são os integrantes do COMPHAAN, da Fundação Cultural de Joinville e os membros do Ministério Público; dos autos do processo judicial envolvendo os locatários e os proprietários do Cine Palácio com a Fundação Cultural de Joinville – FCJ e dos jornais locais arquivados no Arquivo Histórico de Joinville – AHJ, nos seguintes períodos a serem analisados: o ano de inauguração do cinema, em 1917; o auge do cinema com a chegada dos filmes a cores e com som, na década de 1950; a chegada de outros cinemas de rua à cidade, na década de 1970, quando há a concorrência do espaço cultural e de lazer; e a sua decadência na década de 1990 com a vinda dos filmes pornô e a locação do espaço para a igreja.

Considerações

Todas as questões locais que discutirei na tese não se limitam à cidade de Joinville, mas alcançam outras diversas cidades, ditas de tradição germânica ou teuto-brasileira, que estão em busca de um ideal preservacionista do passado, como uma operação anacrônica da construção de um ideário de nação. Ideal este que deveria deixar de dar monumentos apenas a seus fundadores germânicos e trazer a cidade para ser pensada como tema de uma costura de espaços, onde a polifonia demarca territórios excludentes e inclusivos (FLORES, 2007). A relação das pessoas com o cinema criou laços afetivos e significativos, por terem vivido situações especiais que marcaram suas vidas no interior do Cine Palácio, e a partir destas experiências proporcionadas pela tela grande e pelos filmes ali assistidos até a década de 1980, representam informações que se completam e que têm relevo para a memória daquele lugar.

¹² Acredito que, se estas entrevistas se façam imprescindíveis, as realizarei no Ancionato Bethesda de Joinville, que fica no bairro Pirabeiraba, zona rural e industrial da cidade. Neste Ancionato conheço 6 pessoas que poderão ser entrevistadas, são meus tios-avôs e tias-avós e duas amigas de minha falecida avó.

Apesar de Joinville não possuir um centro histórico oficialmente intitulado, justifica-se a escolha do Cine Palácio, por ser o primeiro exemplar edificado tombado pela municipalidade. A primeira política pública em prol de lidar com o passado. Este bem foi tombado em 2003, no entanto o Cine Palácio participa de um ambiente que conta com a imaterialidade de valores, crenças e sentidos refletidos desde a sua inauguração, em 1917. O bem está localizado na Praça da Bandeira, no coração da cidade de Joinville, palco da fundação do município pelos imigrantes germânicos. Este lugar é visto pelas pessoas como uma referência da cidade. Outro motivo que justifica a sua importância é o fato da decadência dos cinemas de rua ser um fato não isolado, porém que traz consigo problemáticas semelhantes às vistas em outros cinemas de rua que foram reapropriados por igrejas em todo o país. Portanto, é um problema de pesquisa que se reproduz no Brasil e merece mais estudos.

A escolha do Cine Palácio, como exemplar de bem tombado pela municipalidade, é uma forma de análise que se abona sob a hipótese de que não se trata tanto de fazer relação com a germanidade da cidade, já que Joinville foi inicialmente povoada em meados do século XIX por pessoas que vieram de países teutônicos. Mas a hipótese maior que se levanta é a relação com a problemática contemporânea da memorialização e da patrimonialização que é mundial, nacional e estadual, numa tentativa de discutir o problema do achatamento dos espaços e conseqüentemente, das cidades. Tudo quer ser igual a tudo, é a homogeneização cultural. E a História não para de ser revista e revivida, num estado de achatamento do tempo, onde o passado e o futuro estão no presente, e não mais num tempo longínquo, conforme conclui Hartog (2006).

Identifica-se, portanto, um fio condutor que une esses diferentes olhares em direção à problemática da preservação do patrimônio cultural: não se pode preservar tudo e o que se preserva precisa encontrar um destino. O que se preserva, só se preserva quando o “bem” encontra uma “nova função” na “nova economia” urbana. Essas são as conseqüências trazidas pela modernidade, e pelas transformações urbanas contemporâneas.

A conclusão que se obtém, até o momento, é que pesquisas interdisciplinares possuem um quê de dificuldade a mais que doutorados disciplinares e especializados, a perceber a minha dificuldade em encontrar um objeto de pesquisa com base teórico-epistemológica satisfatória para mim e para minhas orientadoras. Num curso especializado já se sabe de antemão quais os “limites” que se pode transcorrer e quais são os teóricos que se pode beber. Em um doutorado

interdisciplinar o pesquisador trilha seu caminho, sem saber ao certo se terminará no lixo ou nos palácios da nobreza.

Referências

- ALTHOFF, F. R. **Políticas de preservação do patrimônio edificado catarinense: a gestão do patrimônio urbano de Joinville.** Florianópolis: Dissertação de Mestrado, 2008.
- ARANTES, A. A. **O que é cultura popular.** São Paulo: Coleção Primeiros Passos. Ed Brasiliense, 1995.
- ARAUJO, V. D. P. **A bela época do cinema brasileiro.** 2a. ed. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- _____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação.** Campinas: Papius, 2011.
- BRÜGGER, Paula. **A ambiguidade do termo desenvolvimento sustentável.** Educação ou adestramento ambiental? 3 ed. Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.
- BRUGGER, Paula. **O voo da águia: reflexões sobre método, interdisciplinaridade e meio ambiente.** Educar em Revista. n.27, Curitiba: UFPR, jan jun 2006, pp. 75-91.
- CLARK, T. **O fim do maior cinema do Rio. Rio de Janeiro,** p. 1a página, 25 mar. 1990.
- FLORES, M. B. R.; C. E. C. D. **Carrosséis urbanos: da racionalidade moderna ao pluralismo temático (ou territorialidades contemporâneas).** Revista Brasileira de História, São Paulo, 27, jan/jun 2007. 267-296.
- HARTOG, F. **Regime de historicidade: presentismo e experiências do tempo.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.
- HARTOG, F. **Tempo e patrimônio.** Varia História, Belo Horizonte, 22, jul/dez 2006.
- JOINVILLE, FUNDAÇÃO CULTURAL DE. **Processo de Tombamento FCJ/CPC n 2002-001 A-F do Cine Palácio.** Joinville: Fundação Cultural de Joinville, v. 8 volumes, 2002.
- KALB, C. H., CARELLI, M. N. Soluções ambientais sustentáveis para o lixo industrial das ferramentarias de produção de plástico. Anais da **I Jornada Latino-americana de Direito e Meio Ambiente, Desafios para a conservação e uso sustentável da biodiversidade Brasil** – Costa Rica. Disponível em: <http://www.planetaverde.org/biblioteca-virtual/anais/anais-da-i-jornada-latino-americana-de-direito-e-meio-ambiente> Acesso: nov, 2012, 2012.

- KALB, C.H.; KRISCHKE, Paulo José Duval da Silva. **Os Debates Técnico-Científicos Sobre os Riscos do Lixo Hospitalar**: uma perspectiva interdisciplinar. In: Interdisciplinaridade: teoria e prática / Fernando Alvaro Ostuni Gauthier ...[et al.], organizadores. - 1. ed. - Florianópolis: UFSC/EGC, 2014. v. 1 pp.101-118.
- KALB, C.H. O patrimônio histórico-cultural na área central de Joinville sob influência da urbanização contemporânea. Anais do **II Seminário Internacional História do Tempo Presente**. UDESC, Florianópolis. 13 a 15 out, 2014.
- KALB, C. H. **Patrimônio industrial**: as memórias de ferramenteiros em Joinville, Univille, Joinville, n. Dissertação de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, 2013. 185p.
- KRISCHKE, Paulo, e CISNEROS, Leandro. **Ilha da Magia e Revolução Cubana**, ppt. Estudos de Pesquisa Interdisciplinar, PPGICH, UFSC, 2012.
- KRISCHKE, Paulo, e FERNANDES, Cintia San Martin, 2010. Estilos de Vida e Política Deliberativa, **Revista de Ciência Humanas**, V.44, 343-362.
- MORAES, S. T. **Uma luz na cidade**: subsídios para estudos de requalificação urbana. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.
- PINHEIRO, F. L. F. **Roteiro Uma bicicleta, minha mãe e dois cinemas e Breve história dos cinemas de rua de Curitiba**. São Paulo: Dissertação do Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação, 2010.
- PPGICH. **Linhas de Pesquisa**. Florianópolis: UFSC, 2015. Disponível em: <<http://ppgich.ufsc.br/334-2/estudo-de-genero/>>. Acesso em: 27 set. 2015.
- SILVA, J. A. D. **O Cine-Teatro Cuiabá**: um estudo de práticas e representações (1942-1950). Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2011. 111 p.
- SILVEIRA, F. L. A. D.; LIMA FILHO, M. F. Por uma antropologia do objeto documental: entre a "alma nas coisas" e a coisificação do objeto. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, jan/jun 2005. 37-50.
- VIEIRA, A. S. **Sessão das moças** [tese]: história, cinema, educação. (Florianópolis: 1943-1962). Florianópolis: Tese de Doutorado em História, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. 240 p.
- VIEIRA, W. D. S. **Cenas da cidade**: de cinema à igreja, a memória do Cine Palácio Campo Grande. Dissertação de Mestrado em Memória Social, Rio de Janeiro, 2009.